

Aspectos técnicos e estilísticos da obra de Longo Sofista *Dáfnis e Cloé*

Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade analisar alguns aspectos relacionados à técnica e ao estilo que foram utilizados por Longo Sofista para compor a sua obra prima intitulada *Dáfnis e Cloé*. Para tal análise serão utilizados alguns excertos do Livro I da obra.

Palavras chave: amor; estilo; narrativa de viagens; natureza; técnica

A obra intitulada *Dáfnis e Cloé* é composta de um prólogo e quatro livros, que conta a história de Dáfnis e Cloé, duas crianças abandonadas pelos pais e criadas por pastores, em Lesbos, e que aos poucos se apaixonam um pelo outro e finalmente se casam. Ela é considerada um idílio bucólico em prosa adaptado dentro da estrutura das narrativas gregas de viagem, o que faz com que se distancie das características mais tradicionais desse tipo de narrativa. Primeiro pelo fato do ambiente ser rústico e campesino, no qual se desenrola toda a trama evidenciando a estreita relação com a lírica bucólica de Teócrito, Safo e até mesmo Virgílio. E também, pelo do aspecto lento e florido, e, principalmente, pelo tom poético que é dado à narrativa. Outro fato é a desvinculação do traço histórico definido (que é uma marca dos outros romancistas gregos como: Cáriton, Xenofonte de Éfeso, Heliodoro) pelo tom atemporal da trama, já que o tempo não é cronológico, mas sim, marcado pela sucessão das estações do ano.

No entanto, o aspecto mais inovador dentro da obra de Longo é a sua extrema sensibilidade para com os argumentos, já que Longo reduz ao máximo as dificuldades tradicionais que atrapalhavam os amantes – “as grandes aventuras” (viagens, raptos, desencontros, separações). A narrativa é estática, ou seja, não existem os deslocamentos territoriais e Longo privilegia os temas relativos ao amor, à natureza, à religião e à música.

Na verdade, o que realmente interessa ao autor é descrever como a chama do amor se desenvolve nos dois protagonistas, começando pelos confusos e ingênuos sentimentos da infância até a plena maturidade, através de uma análise psicológica minuciosa, o que não existe nas outras narrativas, ou se existe é muito pobre e superficial. Assim, o grande tema da obra de Longo será a exposição dos mistérios e do

poder universal do amor, de maneira que, as grandes aventuras (viagens, raptos, desencontros, separações), tema central do gênero, ficam em um plano secundário.

Sobre a vida Longo, praticamente nada se sabe, até mesmo o seu nome oferece dúvidas, havendo quem diga ser ele de origem romana.

Com relação à sua pátria, é provável que seja de Lesbos. Porém, até mesmo este fato gera incertezas, já que Longo não demonstra ter um conhecimento muito preciso do local. Desta maneira, tudo indica que, de fato, a origem de Longo não é lesbiense. Todavia a escolha do cenário pode ter ocorrido por razões meramente literárias, já que sua obra é de caráter bucólico.

Quanto à data de seu florescimento, que também é carregada de dúvidas, pois os dados sobre sua pessoa são pouco precisos, podemos situá-lo, de maneira cautelosa e aproximada, segundo diversos historiadores, no intervalo entre o fim do século II a.C. e metade do século V de nossa era.

Portanto, Longo, assim como Aquiles Tácio, um de seus prováveis imitadores, e outros autores, como Díon de Crisóstomo, Luciano, Alcífron, Eliano e Filóstrato, revela uma direta contemplação da pintura contemporânea, daquele tempo, dos temas pastoris e paisagísticos.

A sensualidade e o erotismo serão uma constante dentro da narrativa, sem, no entanto, ferir os conceitos éticos, morais e religiosos da sociedade da época, e muito menos fugir às normas do gênero, que é a de preservar a castidade dos amantes, ou pelo menos a da moça até o matrimônio. O erotismo presente na obra de Longo, não significa indecência ou libidinagem, pelo contrário, o erotismo é colocado como uma característica natural do processo iniciático nos mistérios do amor e, sobretudo, é visto como algo que faz parte de todo aquele ambiente natural e campesino, fruto de uma “natureza” pitoresca, exuberante, acolhedora e que transborda sensualidade.

Em *Dáfnis e Cloé*, o erotismo representa o envolvimento das personagens com a natureza. E essa natureza não só é o cenário de toda a trama, mas a principal protagonista do romance. A natureza na obra de Longo tem uma grande importância, pois é ela quem vai imprimir o ritmo evolutivo da trama com a sucessão das estações do ano. Assim, as grandes viagens serão substituídas pelas viagens no tempo, seguindo o curso cíclico das estações. Estas, além de colorir com seus tons diversos as paisagens (cenários), vão de maneira cadenciada e harmônica transformar os ingênuos pastores em jovens maduros e apaixonados.

No entanto, assim como a natureza desempenha um papel de grande relevância dentro da trama do romance, a religião também exerce um papel de grande importância. Em *Dáfnis e Cloé*, a devoção e a presença divina são bastante expressivas, a começar por Eros, deus do amor, pois toda a trama gira em torno do descobrimento de “o que é o Amor?” e de outras divindades como as Ninfas, Pã, Dioniso, que também têm um papel muito importante no desenvolvimento e amadurecimento dos jovens amantes, Dáfnis e Cloé.

Com relação à técnica, Longo procura construir seu romance dentro dos moldes tradicionais do gênero romance grego: um casal de jovens, as viagens, os raptos, a separação, a castidade e o final feliz. Porém, Longo vai adaptá-las às suas finalidades pessoais, ou seja, as aventuras são reduzidas, os raptos se resolvem rapidamente, as separações duram apenas algumas horas e, o que é mais importante, a unidade de lugar é preservada.

Todavia, Longo deixa claro no prólogo, que sua obra é um quadro, uma pintura, por isso *Dáfnis e Cloé* será constituído por pequenas cenas, as quais, uma após a outra, vão criar um grande quadro, uma “obra de arte”. Assim, dentro desse grande quadro, as ações das personagens principais seguem em linhas paralelas, ou seja, o que acontece com um, acontecerá com o outro. Na verdade, o que Longo quer valorizar é o equilíbrio, a simetria, não só na linguagem, mas também, na própria estrutura da obra, enfatizando o seu grande apreço pela “estética” como a peça fundamental para a criação artística.

Outro traço marcante na obra de Longo são as descrições detalhadas das paisagens, dos jardins, dos hábitos do campo, das alterações das estações e principalmente a descrição sutil e refinada da evolução e da transformação das personagens. É um recurso usado por Longo durante toda a sua narrativa, a fim de que o leitor possa, através da leitura, visualizar e se transportar todos os encantos daquele grande espetáculo.

Quanto ao seu estilo, Longo tem como modelo a **Segunda Sofística** (movimento literário do século II d.C., no qual floresceram várias posturas exóticas. A atividade central consistia na declamação retórica de um tema fictício, imaginário, onde a criatividade, a beleza estética do discurso e a preocupação com os detalhes eram as principais características.), já que o caráter despretensioso do seu romance e a aparente falta de grandes aventuras se opõe ao ritmo ágil da evolução das estações do ano. Os discursos, os pequenos diálogos e as descrições –**ekphrasis**–, têm em comum o uso de

sentenças curtas, porém construídas com grande esmero estilístico, dentro de estruturas **isocólicas** (antíteses e analogias) enfatizando a estrutura simétrica.

Com relação à linguagem, Longo dá preferência à pureza e simplicidade da língua, já que o próprio ambiente rústico do campo impõe essa maneira de “descrever” as situações. A linguagem em *Dáfnis e Cloé* é também bastante rítmica, pois o uso de aliterações, assonâncias e gradações é “excessivamente” utilizado, com o objetivo de não só dar um tom poético, refinado e harmonioso à obra, mas também passar toda aquela beleza natural e sonora existente naquele ambiente – o campo.

Nota-se, então, que o maior objetivo de Longo não é simplesmente “descrever” aquele espetáculo, mas passar com grande veemência todos os detalhes daquela maravilhosa “obra de arte”, ou seja, ele deseja transpor através da escrita toda a realidade vista e ouvida por ele naquele momento.

Assim, ao escrever sua narrativa, Longo não quer apenas contar uma história de amor entre dois jovens que se conhecem desde a infância, se apaixonam e se casam. Na verdade, o grande objetivo de Longo é descrever, de maneira clara e simples, uma cena que ele mesmo presenciou no bosque das Ninfas, em Lesbos. Esta cena, que aos olhos do poeta é um verdadeiro “espetáculo”, uma “obra de arte”, revela um grande cenário bucólico, onde pastores, crianças, jovens e animais convivem de maneira simples e harmoniosa, influenciados por uma natureza exuberante que os cercava.

Prólogo

Em Lesbos, estando a caçar no bosque das Ninfas, vi um espetáculo, o mais belo dos que já vi. Uma pintura, uma história de amor. E de fato, o bosque era belo, abundante em árvores, florido e com águas correntes. Uma única fonte nutria tudo, tanto flores quanto árvores, esta pintura é encantadora e reúne além de uma arte prodigiosa uma aventura amorosa. De maneira que, muitas pessoas, mesmo os estrangeiros, vinham por um lado, por causa da fama, por outro suplicantes às Ninfas, e também para contemplar aquela imagem. 2- Nela havia mulheres dando a luz, outras arrumando as fraldas, criancinhas abandonadas, rebanhos de ovelhas se alimentando, pastores conduzindo-os, jovens se unindo, ataque de piratas, invasão de inimigos. Vi muitas outras coisas relativas ao amor, admirei-as, e um desejo de transcrever a pintura me dominou. 3 – Assim, procurei um intérprete do quadro e elaborei quatro livros, uma oferenda a Eros, às Ninfas e a Pã, mas também um objeto encantador para todos os homens, que curará o doente, reconfortará o aflito, fará recordar o amante, ensinará ao que não ama. 4- Pois,

absolutamente ninguém escapou ou escapará ao amor, enquanto haja beleza e olhos que a vejam. Que o deus conceda a nós sensatos escrever as coisas dos outros.

Assim, em meio a essa simbiose vida x natureza, Longo vai esculpindo magistralmente o seu romance, a sua “obra de arte”, utilizando-se de todos os recursos literários e naturais que tem a seu dispor. Literários, pelo seu estilo sutil e variado de escrever, combinando prosa e poesia, ritmo e musicalidade, linguagem simples e retórica. E naturais, pois a natureza não representa apenas o pano de fundo, o cenário do seu romance, mas o fio condutor, o agente catalisador que influencia, estimula e transforma as ações e os sentimentos das personagens principais, Dáfnis e Cloé.

O maior exemplo disso está na forma como o autor marca o tempo, que não é o cronológico (ano, mês ou dia da semana), mas o ciclo das estações do ano (primavera, verão, outono e inverno), este terá um papel fundamental no desenvolvimento físico e psicológico das personagens principais.

Outro fato marcante, influenciado pela natureza, é a unidade de lugar. Em *Dáfnis e Cloé*, o espaço é fixo, ao contrário dos outros romances gregos, pois sendo a natureza tão atuante na vida cotidiana das personagens, ela mesma é capaz de produzir e reproduzir as aventuras pelas quais os amantes irão passar. Esta interferência da natureza produz uma integração tão forte entre as personagens e o meio ambiente em que vivem, que elas passam a fazer parte daquele meio, Dáfnis e Cloé, fazem parte daquela natureza, assim como as plantas, os animais e os pássaros que ali vivem.

Valendo-se então, dessa integração homem x natureza, Longo cria sua obra prima, um quadro, uma “pintura”, como ele mesmo diz no prólogo, recheada de aventuras, sensualidade e erotismo. Esta “pintura” encantadora é dedicada ao Amor e a todos aqueles que já foram ou serão tocados por ele e acreditam no seu poder.

Tal como na poesia dramática, em que era comum fazer uma apresentação da obra antes do começo da obra propriamente dita, Longo inicia seu romance de maneira peculiar, através de um prólogo (*prooímion*), fazendo assim um prenúncio, uma síntese dos fatos que serão narrados ao longo do romance. A sensação que se tem ao ler o prólogo é a de estar diante do próprio quadro mencionado por Longo. O que talvez tenha sido uma forma utilizada pelo autor para prender a atenção do leitor, e conseqüentemente, despertar o prazer pela leitura do romance, já que, através do ato da leitura, ele poderá visualizar toda aquela imagem ou cena ali descritas.

É a partir do parágrafo 9 do Livro I que Longo dá início as aventuras de Dáfnis e Cloé, evocando a sucessão das estações do ano. Isto vai imprimir um ritmo dinâmico e

crescente à narração e ao mesmo tempo, fazer com que o leitor tenha a sensação de estar diante da imagem de uma natureza tranquila, porém cheia de vigor.

A primeira aventura de Dáfnis e Cloé será a primavera (*éaros*). Esta estação marca o despertar dos seres, o desabrochar das flores, o renascer das esperanças e dos desejos, enfim, é a explosão da Natureza, revelando toda a sua força e beleza.

Nesta primavera, Dáfnis e Cloé são crianças alegres e inocentes, que passam o tempo todo brincando e se divertindo com os prazeres do campo, porém, não sabem ainda que o destino lhes reserva momentos de grandes aventuras. O que vai marcar a personalidade de Dáfnis e Cloé nesta estação é a ingenuidade, a simplicidade e o total desconhecimento do amor.

- 1- Era o começo da primavera e todas as flores desabrochavam nos bosques, nos prados, nas montanhas. Agora era o zunido das abelhas, o canto dos pássaros canoros, os saltos dos pequenos rebanhos recém-nascidos. Os carneiros brincavam nas montanhas, as abelhas zumbiam nos prados, os pássaros alegravam com os seus cantos o pequeno bosque. 2 – Tão formidável estação tudo envolvia, os tenros e jovens imitadores das coisas ouvidas e vistas surgiam: ao ouvir o cantar dos pássaros, cantavam, ao ver os carneiros saltando, saltavam ligeiramente, ao imitar as abelhas colhiam flores, algumas deixavam cair no colo, outras entrelaçando pequenas coroas e levavam às Ninfas.

Esta passagem é de uma beleza marcante e sutil, e revela uma natureza viva, acolhedora, onde todos os seres estão integrados e convivem em total harmonia uns com os outros.

Percebe-se desde já que o equilíbrio (a simetria) é a marca deste romance. Tudo acontece em uma total sincronia. Os homens, as plantas, os animais, os pássaros formam um todo como uma orquestra em perfeita afinação com o seu maestro, a Natureza.

Longo, então, consegue transpor através das palavras todo esse equilíbrio, toda essa sensação de prazer, alegria e vida presentes na cena. É como se pudéssemos ver e ouvir todos os sons, todas as ações dos seres que ali interagem. Uma visão capaz de causar deslumbramento a qualquer leitor.

Essa sensação se deve ao uso abundante de verbos onomatopaicos como *bombéo* (zunir, zumbir), *skritáo* (saltar, brincar), *katádo* (encher de som, alegrar com seus cantos). E todos estão no pretérito imperfeito, marcando assim, uma ação contínua, ou seja, é assim durante toda a estação da primavera.

Livro I – 9

(...Os carneiros brincavam nas montanhas, as abelhas zumbiam nos prados, os pássaros alegravam com seus cantos o pequeno bosque.).

Este recurso (verbos onomatopaicos), que será muito utilizado pelo autor ao longo da narrativa, é uma maneira de dar musicalidade à cena, e conseqüentemente, fazer com que o leitor viva o momento de tal espetáculo.

Observa-se também que no meio deste cenário, tão envolvente e reluzente, estão Dáfnis e Cloé. Longo os classifica como “os tenros e jovens imitadores das coisas ouvidas e vistas”.

De fato, Dáfnis e Cloé são imitadores de tudo aquilo que os cerca, pois a influência da natureza é tão forte e poderosa que os próprios personagens se vinculam a ela da mesma forma como os animais e as plantas. Dáfnis e Cloé não estão na natureza, eles fazem parte da natureza. Eles imitam tudo o que veem e ouvem e se comportam como se fossem cabras, ovelhas, abelhas, enfim eles integram o meio como se fossem peças daquele cenário.

Daí o fenômeno da imitação (*mimesis*) ser inerente aos dois personagens, já que existe um forte vínculo entre a natureza e eles.

Este fenômeno da imitação é uma constante dentro do romance, pois Longo vai utilizar sempre este recurso para enfatizar bastante a influência “modelar” da natureza sobre as personagens, Dáfnis e Cloé sendo criados num ambiente onde a natureza é a principal fonte de vida para os que ali habitam, é evidente que essa natureza terá um papel decisivo no traço de suas personalidades. Aliás, Longo intensifica essa relação – natureza x personagem – justamente pelo fato da natureza representar o equilíbrio, a fertilidade, o erotismo, a paixão e, principalmente, porque ela expressa o Amor na sua essência: a união harmoniosa entre os seres que habitam o Cosmo.

Outro fato que explica a questão da imitação dentro do romance é que Dáfnis e Cloé são crianças, e a característica mais marcante na criança é o ato de imitar o que está a sua volta. Isto é comprovado pela psicologia e significa que a criança ao imitar o outro está buscando a sua própria identificação e aceitação dentro do seu meio.

Este aspecto está claro dentro do romance, pois Dáfnis e Cloé, o tempo inteiro, buscam a sua identificação, o seu “eu” através da imitação das coisas e dos seres que estão à sua volta.

Percebe-se também a importância do ato de ver (*horáo*). É através da visão, do ato de contemplar, que eles percebem o que está à sua volta, gerando assim um encantamento e um desejo de repetir, de imitar o que é visível. Importante também é o ato de “ouvir” (*akoúo*). Da mesma forma que a visão desperta o desejo de imitar o que é visto, a audição também desperta o desejo de imitar os sons que são ouvidos. Podemos concluir que VER/ OUVIR/ IMITAR se inter-relacionam de maneira fundamental, proporcionando uma maior integração dentro do meio ambiente e assim contribuindo para o crescimento das personagens. Sendo assim, pode-se dizer que em Dáfnis e Cloé o ato de ver e ouvir está ligado a teoria (captar e perceber as imagens e os sons) e o ato de imitar é pôr em prática o que está sendo visto e ouvido (a ação).

É neste jogo de VER/ OUVIR/ IMITAR que Longo vai criando a sua obra de arte, que será também, além de uma obra dedicada ao Amor, uma obra de caráter didático, onde os protagonistas, ao longo da narrativa, vão aprendendo com a natureza que os cerca.

Esse aprendizado Longo nos apresenta no Livro I - parágrafo 10. É o cotidiano de Dáfnis e Cloé no campo durante a primavera.

Livro I – 10

- 1- Faziam todas as coisas em comum, pastoreando um perto do outro. E muitas vezes Dáfnis recolhia as ovelhas que estavam perdidas, muitas vezes Cloé tirava de cima dos rochedos as cabras mais audaciosas. Desde então, um tomava conta dos rebanhos de ambos e o outro entregava-se as brincadeiras. As brincadeiras deles eram pastoris e infantis. 2- Ela apanhou de algum lugar talos de abrótea e trançou uma gaiola para gafanhoto e ocupando-se dessas coisas ao seu redor, esqueceu das ovelhas. Ele cortava caniços finos, furava os nós das juntas e ligava uns aos outros com cera mole, exercitava-se em tocar siringe até a noite. 3- E às vezes compartilhavam o leite e o vinho, e também os víveres, os quais traziam de casa. Alguém teria visto mais depressa as ovelhas e as cabras separadas umas das outras do que Dáfnis e Cloé.

Nota-se novamente o caráter simétrico em relação aos dois personagens, quando Longo diz:

(...faziam todas as coisas em comum, pastoreando um perto do outro.)

É importante ressaltar o uso da expressão *allélon* – “um ao outro”, “um do outro” – pronome de reciprocidade que marca justamente esta relação de equilíbrio, de

equidade entre Dáfnis e Cloé. O que um faz o outro também faz ao mesmo tempo e no espaço.

É interessante notar também que as ações de Dáfnis e Cloé são concomitantes e existe uma relação mútua entre os dois. Isso vai de maneira gradativa intensificando cada vez mais o relacionamento dos dois, apesar de ainda serem crianças e tudo isso não passar de inocentes brincadeiras.

Observa-se também que Longo continua usando o pretérito imperfeito para marcar a continuidade das ações, como por exemplo:

(“Faziam todas as coisas em comum”; “...exercitava-se em tocar siringe até a noite”; “...e às vezes compartilhavam o leite e o vinho”).

Esse aspecto mostra que na primavera a rotina deles no campo estava centrada em torno dessas ações relatadas no parágrafo acima.

Porém, Longo também utiliza o aoristo para marcar as ações atemporais, cujo valor aspectual é o da ação pura, ou seja, ações que não têm o aspecto durativo como o pretérito imperfeito, porém em um determinado momento elas serão executadas. Isto quer dizer que dentro das ações que são contínuas, eles executam outras que causam uma ruptura, ou seja, uma forma de quebrar a rotina, e assim, criar novas situações.

Livro I – 10, 2

(“Ela **apanhou** de algum lugar talos de abrótea e **trançou** uma gaiola para gafanhoto ...”)

Porém o que mais chama a atenção neste parágrafo é a última frase:

(“...Alguém teria visto mais depressa as ovelhas e as cabras separadas umas das outras do que Dáfnis e Cloé.”)

Percebe-se desde já que o destino das personagens está realmente traçado. Mesmo sem perceberem eles já estão unidos, não só pela força de Eros (Amor), mas também pela natureza, que é a geradora de todas as ações que eles praticam juntos. Assim, é a natureza através de seus reinos (fauna, flora, vegetais e minerais) que vai criando as situações, as quais vão intensificando cada vez mais o elo Dáfnis e Cloé.

Longo vai esculpindo a sua obra, criando um cenário onde existe uma constante aproximação entre as ações dos protagonistas com a natureza. Este cenário não é estático, pois está diretamente ligado às transformações da natureza. Isto significa que à

medida que os fenômenos naturais vão acontecendo, as estações vão se sucedendo, o cenário também vai se transformando e se adaptando de acordo com essas mudanças. Isso significa que o cenário não é apenas um pano de fundo, uma ornamentação, mas a representação da realidade da vida no campo na sua mais pura essência.

Este fato é muito importante, pois a ação nunca se esgota, ela flui de maneira natural, apoiada nas constantes mutações da natureza, porém sem se distanciar do objetivo principal da trama, a união de Dáfnis e Cloé. Quanto a este aspecto é interessante ressaltar a opinião de Alain Billault¹², que diz: “Suas ações manifestam-se de acordo com o ambiente que os cerca. Eles vão, um de cada vez, tomar lugar no quadro pintado por Longo e podemos ver a imagem da aproximação permanente da ação da natureza, dentro da narrativa. Pois ela não está presente somente nessas grandes imagens que se manifestarão, no momento do luxuoso levantar das cortinas, como o cenário de peripécias destinados a aparecer em seguida. Encontramos a natureza em todos os momentos da intriga. A natureza fornece uma segunda trama à intriga que não é dramática, mas existencial.”

Desta forma, Longo cria um ambiente, amplo, denso e bastante variado, entrelaçado pela diversidade de elementos fornecidos pela natureza que vão influenciar e modificar o comportamento de Dáfnis e de Cloé, intensificando o elo amoroso entre eles.

É interessante também ressaltar outro trecho do artigo de Alain Billault, que vai falar justamente do fato de que a natureza interfere no comportamento das personagens. Eis o trecho: “Em todas estas passagens tão ricas em verbos e em nomes de ação, aparece uma natureza brilhante e vibrante de uma energia que não pode mais que afetar o comportamento das personagens. Ela não é um cenário onde eles evoluem, mas uma realidade cuja vida intensa os cerca e os toca. Eles têm a experiência, estimulante ou rude, de sua presença, e não somente quando muda a estação.”

Este trecho vem reforçar o fato de que é a natureza que conduz toda a trama, interferindo, modificando, gerando situações, enfim, ela é a essência de todo o romance.

Assim, Longo descreve as situações apoiado na natureza, ou seja, ele não só se utiliza das estações do ano para marcar o tempo, como já foi dito, mas também salpica o romance com situações apoiadas nos elementos da natureza.

Podemos observar isso no parágrafo 13 do Livro I, onde Dáfnis após ter caído numa armadilha para capturar um lobo, e tendo sido salvo por Dórcon, o boiadeiro, e Cloé, ele resolve banhar-se na fonte, pois seu corpo estava todo sujo de terra e lama.

Livro I – 13

Ele foi em companhia de Cloé até a gruta das Ninfas, deu para Cloé vigiar sua túnica curta, seu alforje, e ele mesmo, estando de pé na fonte, lavava a cabeleira e o corpo todo. 2- Sua cabeleira era negra e farta, seu corpo era queimado de sol. Alguém teria imaginado que o próprio corpo fosse colorido pela sombra da cabeleira. Pela primeira vez aos olhos de Cloé. Dáfnis parecia belo e julgava o banho a causa da beleza. E ao lavar-lhe as costas sua carne parecia mole, de maneira que, as escondidas, tocou a si mesma por inteiro muitas vezes, experimentando se sua carne era delicada. 3- Naquele momento então – o sol estava se pondo – conduziram o rebanho para casa e Cloé não suportara nada além, pois não desejava ver novamente Dáfnis banhando-se. 4- No dia seguinte, quando chegaram ao pasto, Dáfnis tocou siringe sentado sob o carvalho de costume e ao mesmo tempo vigiava as cabras deitadas e como que escutando a música, e Cloé estava sentada perto, ela olhava o rebanho ao mesmo tempo, por várias vezes, tinha os olhos fixos em Dáfnis. Ele parecia belo para ela ao tocar siringe e mais uma vez julgava a música a causa da beleza, de sorte que depois dele, ela mesma pegou a siringe, como se de algum modo ela pudesse se tornar bela. 5- E então, ela o convenceu a banhar-se novamente e, mais uma vez, olhou-o tomando banho e, ao olhar, tocou-o e o elogiou, e o elogio era um princípio de amor. Portanto, não sabia o que sentia, ela que era moça nova e criada no campo nunca ouvira outra pessoa falar o nome do amor. Uma angústia dominava a sua alma, e não era dona de seus olhos e frequentemente pronunciava Dáfnis. 6- Descuidava da alimentação, não dormia durante a noite, não se importava com o rebanho. Em um momento ria, em outro chorava. Logo dormia, logo levantava. Seu rosto estava pálido. Nem a novilha quando era ferida pelo moscardo provocava tanto sofrimento. Tantos discursos se aproximavam dela quando estava sozinha.

Neste parágrafo é relatado um dos fatos mais importantes dessa narrativa de amor. É nesse clima de erotismo e sensualidade, mas que deixa transparecer a pureza e inocência de Cloé, já que ela desconhece esse jogo de sensações que é o amor, que Longo com uma linguagem bastante elaborada e esteticamente perfeita, utiliza-se de palavras que produzem efeitos visuais e transmitem luminosidade para caracterizar Dáfnis, como por exemplo: **cabeleira negra, seu corpo era queimado pelo sol.** E

também palavras que denotam a estética da perspectiva como: **sombra** em “...o próprio (corpo) fosse colorido pela sombra da cabeleira”. Tudo isso é uma forma que o autor encontrou para reforçar a ideia de que o que está sendo escrito não é simplesmente uma obra literária mas, um quadro, uma pintura, uma obra de arte.

De fato, Longo preza a estética, já que além de poeta ele é um artista na sua mais pura essência, pois busca o equilíbrio em toda a sua obra, do começo ao fim, na forma como ele “pinta” os sentimentos das personagens em harmonia com a realidade do ambiente em que se encontram, o campo. E também na maneira sensível e delicada como ele conduz as sensações, os sentimentos e as descobertas dos protagonistas, porém sem deixar de lado o tom erótico da cena. Assim, nestes dois parágrafos, Longo nos mostra o despertar da paixão de Cloé por Dáfnis, que não acontece de imediato, mas num experimentar de várias sensações.

Essas sensações começam com um simples olhar. Cloé ao olhar Dáfnis pensa que **o banho** era a causa de sua beleza, depois ao olhar Dáfnis tocando siringe, pensava que a música era a causa de sua beleza, e numa atitude de tamanha ingenuidade, ela pega a siringe pensando que ao tocá-la, tornar-se-ia bela também.

Novamente Longo dá destaque à correlação entre VER/ IMITAR, pois ao contemplar a beleza de Dáfnis tomando banho na fonte, Cloé se encanta e sente um desejo enorme de tornar-se bela também, daí ela tentar imitá-lo de todas as maneiras.

É nesse contexto que Cloé consegue convencer Dáfnis a tomar outro banho, podendo assim contemplar a sua beleza novamente. Então ao vê-lo, ela o elogia. E esse **elogio** torna-se **o princípio** do amor.

A água aqui funciona como um catalisador, que vai produzir as transformações em Cloé e despertá-la para o amor. E é a água também, que mais a frente vai produzir o mesmo efeito em Dáfnis, quando Cloé também se banhará na fonte.

Porém antes desse fato acontecer, um outro despertará a admiração de Dáfnis por Cloé.

Isso acontece nos parágrafos 17 e 18 do Livro I, quando Cloé ao ser disputada por Dórcon e Dáfnis, dá um beijo como prêmio ao vencedor. E o vencedor é Dáfnis. Eis os parágrafos:

Livro I – 17

- 1- Cloé não esperou mais, porém, por um lado estava alegre com o elogio, por outro desejosa há muito tempo de beijar Dáfnis, levantando-se bruscamente beijou-o, natural e simples, mas bastante capaz de inflamar um coração. 2- Dórcon então,

sofrendo, retirou-se, procurando outra forma de amor. Assim Dáfnis, como se não tivesse sido beijado, mas como se tivesse sido mordido, logo ficou com um ar meio sombrio e, muitas vezes sentia frio e detinha seu coração palpitante, e desejava ver Cloé, e vendo enchia-se de rubor. 3- Então, pela primeira vez, admirou os cabelos dela, que era loura, e seus olhos que eram grandes como da vaca, e sua face que era verdadeiramente mais branca do que o leite de suas cabras, como se então, pela primeira vez tivesse olhos, e até aquele momento fosse cego. 4- E não levava a boca o alimento, apenas experimentava. E, de maneira forçada, ele tomava a bebida para que pudesse molhar o lábio. Estava calado, ele que antigamente era mais falante do que os gafanhotos; preguiçoso, ele que era mais agitado do que suas cabras, Até de seu rebanho se descuidava, e mesmo sua siringe estava abandonada. Sua face era mais verde do que a grama de verão. Tornava-se falante somente para Cloé, e se algumas vezes ficou só, longe dela, falava tais coisas sem importância para ele mesmo.

Livro I – 18

- 1- “O quê acaso causou-me um beijo de Cloé? Seus lábios são mais delicados que as rosas e sua boca é mais doce que favos de mel; seu beijo é mais pungente que o ferrão da abelha. Muitas vezes beijei filhotes de cabra, muitas vezes beijei cães recém nascidos e o bezerro, o qual Dórcon me deu de presente, mas este beijo é novo. Minha respiração escapa, meu coração pula, minha alma é consumida, e mesmo assim, uma vez mais desejo beijar. 2- Ó vitória funesta, ó mal novo, cujo nome não sei dizer. Teria Cloé tomado venenos estando para me beijar? Como então não morri? Como os rouxinóis cantam e a minha siringe guarda o silêncio?! Como os cabritinhos pulam, e eu estou sentado?! Como as flores desabrocham e eu não tranço coroas, mas as violetas e o jacinto florescem?! Dáfnis está definhando. Por acaso Dórcon será visto como mais belo do que eu?

Nesta cena, Longo descreve o primeiro beijo entre Dáfnis e Cloé. Um beijo muito natural e simples como ele mesmo diz, porém capaz de acender a chama do amor em Dáfnis. E o que sucede depois desse beijo é a admiração de Dáfnis por Cloé.

Eis o primeiro sinal de amor que desperta Dáfnis, **a admiração**. Pela primeira vez Dáfnis olhou Cloé de uma maneira diferente da qual jamais a olhou e pensou, até que, a partir daquele momento, ele passou a enxergá-la. E assim, ao ver a beleza de Cloé e

ficando totalmente hipnotizado por aquela visão, Dáfnis começa a ter várias sensações parecidas com as que Cloé sentiu ao vê-lo tomando banho na fonte.

As sensações são praticamente as mesmas. Como se fosse uma doença, o amor vai invadindo o coração de Dáfnis de tal forma que ele perde totalmente a vontade de comer e de beber, e se sente tão deprimido que se desinteressa pela sua seringa e pelo seu rebanho.

E como Cloé, ele desconhece também o Amor, e se sente estranho, perturbado com um sentimento que não sabe explicar. E começa também a comparar o beijo, assim como faz Cloé anteriormente, com o ferrão da abelha, e se questiona se Cloé não teria bebido algum veneno antes de beijá-lo, já que ele ficara completamente transtornado, como se ele tivesse parado de viver.

Apesar da ausência das aventuras, as quais são comuns nos outros romances gregos (os amantes se deslocam constantemente de um lugar para o outro), Longo cria outros tipos de aventuras, sem ser a aventura marcada pela sucessão das estações do ano. Nos parágrafos acima, utiliza outro tipo de aventura, a aventura psicológica, ou emocional, para que Dáfnis e Cloé aprendam o que realmente é o amor e fiquem juntos, eles são obrigados a passarem por vários obstáculos, como por exemplo, as sensações, as reações e transformações causadas no início dessa aprendizagem. Assim, Longo consegue num mesmo lugar, dentro de um único e grande cenário, que é o campo, recheio o seu romance de aventuras, as quais todas relacionadas ao amor, dando assim mais ritmo e intensidade à trama.

Outro fato importante a ser ressaltado e que está relacionado aos parágrafos anteriormente citados, é a questão da simetria. Vimos no parágrafo 13 a reação de Cloé ao ver Dáfnis tomando banho e agora nos parágrafos 17 e 18, Dáfnis ao ser beijado por Cloé também tem reações bem parecidas com as de Cloé.

Isto quer dizer que, além de prezar pela estética estrutural e pela da linguagem, Longo preza também o equilíbrio das ações das personagens.

Para melhor esclarecer esse fato, faz-se necessário citar um trecho da obra de B. P. Reardon¹⁶, onde ele faz um comentário relacionado com esse equilíbrio, que ele chama de ação paralela – parallel action. Eis o trecho:

“Quando dois heróis levam suas vidas não separadamente, mas um atrás do outro, nossa atenção é meramente removida do aspecto físico para o psicológico e sua dualidade. Longo usa essa dualidade para trazer a narrativa mais perto do coração do tema de amor do que era prontamente possível com amantes errando separadamente.

Vemos aqui o que parece ser um estágio bastante avançado do processo pelo qual a balança desliza de história para romance em uma narrativa romântico – histórica, pelo qual o elemento relativamente superficial da viagem física dá lugar ao elemento mais profundo das relações entre seres humanos. Mas permanece numa forma mudada, tanto quantidade de elementos do enredo paralelo quanto sempre houve. Pois ainda há dois heróis envolvidos, duas pessoas que têm de ser ambas apresentadas. O que aconteceu é que o enredo, a aventura torna-se uma história de aventura emocional antes que física. E nesse respeito, Longo é meticulosamente cuidadoso em estabelecer o desenvolvimento emocional paralelo, mas é diferente de um jovem e uma jovem. Por exemplo, em 1.14 Cloé vê Dáfnis tomando banho e é picada pelo amor, em 1.18 Dáfnis beija Cloé e é inflamado pelo amor. O seu amor é paralelo. Longo não está arremessando imprevisivelmente de herói para heroína apenas para preservar ambos no quadro. Ao contrário, tomando-se essa perspectiva toda, toda sua maneira de tratar sua história, o que acontece com A implica que algo significativamente similar acontecerá a B – isso é especialmente verdadeiro de suas condições psicológicas como vimos nos trechos citados (1.18). Essa interação é exatamente o ponto que amarra toda a história, esses sentimentos paralelos e recíprocos constituem o próprio crescimento do amor.”

De fato B. P. Heardon tem razão quando diz que a interação é o ponto de toda a história, pois o objetivo de Longo era exatamente descrever a cena, que ele mesmo presenciou, em toda a sua totalidade, ou seja, ele não só queria passar para o leitor toda a vida daquele ambiente natural e harmonioso, mas também relatar as ações e o comportamento das personagens principais, Dáfnis e Cloé, vão se modificando a medida que vão passando da inocente infância para a conflituosa adolescência ou puberdade, tendo como consequência o crescimento do amor entre os dois. Quer mostrar também que o amor não é só um sentimento, mas uma fórmula química, onde os polos se atraem e se modificam ao se inter-relacionarem e experimentarem as reações e sensações de um relacionamento mútuo.

É por isso que Longo vai no decorrer de seu romance traçar um paralelo entre as sensações de Cloé e as sensações de Dáfnis de uma forma bastante equilibrada, harmoniosa e gradual onde ambas as partes se correspondem e se combinam criando uma interação e, conseqüentemente, o surgimento de um grande amor.

É nesse clima de descobertas de novas sensações e de um envolvimento maior entre Dáfnis e Cloé que chega o verão.

A estação do ano inflamou-os. Era agora fim da primavera e começo do verão, e tudo estava em pleno vigor: as árvores estavam com frutos, as planícies estavam na colheita. Era agradável o zunido da cigarra, o odor da fruta era doce, e agradável o balido das ovelhas. 2- Alguém poderia imaginar também que os rios cantam ao fluírem tranquilamente, os ventos tocam flauta ao soprarem os pinheiros, as maçãs que amam caem na terra e o sol sendo amante das coisas belas desce a todos. Assim, Dáfnis estando inflamado por causa de todas essas coisas entrava no rio e tanto banhava-se quanto caçava os peixes que se agitavam. E muitas vezes também bebia, para apagar o calor ardente dentro dele. 3- E Cloé, depois de tirar o leite de suas ovelhas e também da maior parte das cabras, durante longo tempo coalhava o leite. Pois as moscas eram terríveis para incomodar e para picar se fossem perseguidas. Em seguida, lavou o rosto, coroava-se com ramos de pinheiro e envolvia-se na pele de corça e enchendo a vasilha de vinho e leite bebeu juntamente com Dáfnis.

O verão – **theros** – é a estação da plenitude e do vigor. É o despertar de algo que arde, que queima, que mexe com os sentimentos e com a própria razão. Esta estação caracteriza a fertilidade, a abundância e o poder de renovação .

É nessa estação que a chama do amor entre Dáfnis e Cloé cresce e eles ficam enfeitiçados um pelo outro, no entanto continuam sem saber que “coisa” tão estranha e tão forte que faz com que eles se sintam atraídos um pelo outro. A dúvida e o sofrimento ainda permanecem nos corações dos amantes.

Longo descreve o verão de maneira encantadora e vibrante. A cena traduz uma natureza plena, farta e abundante, o campo festejava a sua temporada mais produtiva. As plantas, as árvores estavam repletas de flores e frutos. Uma melodia suave e encantadora que saía das águas dos rios e o canto dos pássaros enchia o ambiente de paz e harmonia. O vento ao soprar os pinheiros emitia o som tranquilo da flauta. Tudo é alegria e prazer. Uma cena que revela a verdadeira expressão do paraíso. E envoltos por esse paraíso, estão Dáfnis e Cloé, ainda carregam a pureza de uma criança, porém seus corações estavam incendiados pelas descobertas da primavera.

O verão é a estação que chega para dar o início às transformações. Aquela atração que surgiu na estação anterior, a primavera, tornara-se mais forte. Em suas tarefas e brincadeiras percebe-se um contato físico maior, o clima de sensualidade e erotismo é agora mais evidente, pelo fato de a própria estação proporcionar essa situação, já que o verão é a explosão da vida.

Nota-se que Longo no início do romance retira da natureza o tom erótico, agora, Longo transfere esse erotismo para as personagens, Dáfnis e Cloé se sentem fortemente atraídos um pelo outro, eles se tocam mais um ao outro, trocam carícias e beijos furtivos. A cumplicidade entre eles é muito mais forte. Logicamente, é a natureza que cria esse clima, pois é ela quem fornece todos os meios para que os amantes se tornem mais sensíveis e sensuais.

No parágrafo 1-24 Longo expressa toda essa atração e envolvimento entre Dáfnis e Cloé, que inflamados pela estação do ano, se deliciam com os prazeres que o campo lhes oferece.

É nesse clima de delícias que Dáfnis e Cloé se aproximam cada vez mais, porém sem perceberem, pois para eles tudo não passava de simples brincadeiras.

Livro I-24

Quando chegava o meio dia e a partir desse momento tornava-se uma presa dos olhos deles. Pois ela, ao ver Dáfnis despido por inteiro, caía sobre sua beleza, e derretia-se não podendo reprovar nenhuma parte dele. Ele, ao vê-la com sua pele de corça e com sua coroa de pinheiro oferecendo uma vasilha, imaginou estar vendo as Ninfas da gruta. 2- Ele tirava a coroa de pinheiro da cabeça e, em seguida coroava ele mesmo, mas antes beijava a coroa. Ela, vestia a roupa dele, quando ficou nu para banhar-se, mas antes ela também beijou (a roupa). 3- Desde então, lançavam um no outro as maçãs e arrumavam as cabeças de um e de outro separando os cabelos. E ela comparou a cabeleira dele, que era negra, com o mirto, ele, comparou o rosto dela com a maçã, que era clara e rosada. 4- Ensinava-a a tocar siringe e quando (ela) começava a soprar, ele pegava a siringe e corria seus próprios lábios pela siringe. E parecia, que (ele) estava mostrando os erros dela, mas era por meio da siringe que ele beijava ternamente Cloé.

Neste parágrafo nota-se que a inocência ainda se faz presente no comportamento dos dois, porém uma atmosfera de sensualidade envolve os amantes e aos poucos vai transformando esse comportamento. E é Dáfnis que começa a revelar um ar de malícia, própria de um garoto que está descobrindo os prazeres do amor.

Percebe-se também que Longo continua lançando mão da simetria, pois no parágrafo as ações e reações das personagens se movem seguindo linhas paralelas, marcadas por um equilíbrio quase perfeito. Assim, o que um faz o outro também faz, no mesmo nível, seja de esforço ou de sensações.

Este fato está bem marcado no uso da expressão “**ho mén...he dé**” que reforça a noção de simetria, sugerindo a ideia de igualdade entre os opostos.

Livro I-24, 2

(...2- **Ele** tirava a coroa de pinheiro da cabeça e, em seguida coroava ele mesmo, mas antes beijava a coroa. **Ela**, vestia a roupa dele, quando ficou nu para banhar-se, mas antes ela também beijou (a roupa).)

De fato, Longo enfatiza bastante essa ideia de igualdade durante todo o seu romance. Isto está claramente visível no desenvolvimento da vida das personagens. Dáfnis e Cloé foram, em anos diferentes, abandonados pelos seus verdadeiros pais na gruta das Ninfas. Foram criados por pastores, trabalhavam juntos na mesma tarefa, pastorear rebanhos, e o mais importante, o despertar para os desejos do amor se dá da mesma forma, através do banho. E a iniciação nos mistérios do amor dar-se-á num mesmo nível, porém gradativamente, influenciada pela progressão das estações do ano e do ambiente que envolve toda a trama.

Logo, a razão pela qual Longo valoriza o uso da simetria é a vontade de fazer do seu romance uma obra de arte. Assim, Longo cria um ambiente em proporção, onde as personagens se combinam entre si e combinam com o meio em que vivem, gerando uma perfeita harmonia, ou seja, uma perfeita simetria.

Porém, em meio a esse universo harmônico, sensual e juvenil cercado por uma natureza bela e acolhedora, Longo, em respeito às regras desse tipo de narrativa, intercala algumas situações pitorescas que vão dar o tom aventureiro em seu romance.

Isto ocorre no parágrafo 28, em meio a mudança das estações, o fim do verão e o início do outono.

Livro I – 28

1-Tais prazeres o verão lhes dava. Estando na plenitude do fruto do outono, piratas tírios conduzindo uma embarcação da Cária, a fim de que não parecessem bárbaros, atracaram no campo, e desembarcaram com facas e protegidos por couraças, arrastavam todas as coisas que chegaram às mãos, vinho de odor agradável, trigo em abundância, mel em favos. Levaram também alguns bois do rebanho de Dórcon. 2- Prenderam Dáfnis quando passeava pela beira do mar, pois Cloé, como era uma menina, levava as ovelhas de Drías mais tarde, por medo de pastores insolentes. Eles vendo aquele jovem forte, belo e de maior valor do que o roubo do campo, não se ocuparam de mais nada, nem das cabras nem dos restos dos campos, levaram-no para o barco chorando e gritando por Cloé. 3- E neste momento eles soltaram as amarras da embarcação e lançando os remos com a força das mãos afastaram-se em direção ao alto mar. Cloé

conduzia o rebanho, levando consigo a siringe nova, presente de Dáfnis. Ao ver as cabras em desordem e escutando os gritos de Dáfnis chamando por ela cada vez mais alto, ela imediatamente largou as ovelhas e jogou a siringe no caminho, indo ao encontro de Dórcon para pedir socorro.

O rapto de Dáfnis pelos piratas Tírios não só cria uma situação dramática como também gera um clima de expectativa, já que os amantes são separados. Entretanto, Longo não se deixa seduzir pelas aventuras e logo resolve a situação sem precisar afastar os amantes, pois Cloé ao tocar a flauta de Dórcon faz com que os bois reconheçam a melodia e assim atiram-se ao mar, e com o mergulho de todos ao mesmo tempo o barco vira e Dáfnis consegue se salvar.

Vemos então que a situação é essencialmente estática, ou seja, Dáfnis não sai da ilha, apesar de ter sido raptado. Portanto a unidade de lugar é preservada.

Após esta pequena aventura, Longo descreve mais uma vez a cena do banho do parágrafo 32, porém quem se banha agora é Cloé.

Livro I -32

Depois dos funerais de Dórcon, Cloé conduziu Dáfnis até a gruta das Ninfas e tendo entrado o banhou. Em seguida,ela, pela primeira vez, aos olhos de Dáfnis, banhou seu corpo branco e puro, que por causa da beleza, não havia necessidade do banho para ser belo. 2- Depois colheram flores, quantas flores daquela estação havia, coroaram as estátuas e suspenderam a siringe de Dórcon no rochedo como oferenda. E depois disso, foram examinar as cabras e as ovelhas. 3- Todas estavam deitadas, sem pastar nem balir, porém, certamente porque estavam lamentando a ausência de Dáfnis e Cloé. Entretanto, depois que foram vistos e gritaram como de costume e tocaram a siringe, elas por um lado ficando de pé eram pastoreadas, por outro lado as cabras pulavam soltando bufos, alegres com a salvação do seu cabreiro habitual. 4- Porém, Dáfnis não convencia sua alma de ser alegre depois de ter visto Cloé nua e revelado sua beleza antes escondida. Seu coração sofreu como se corroído por venenos, e umas vezes a respiração dele exalava um sopro com violência, como se alguém o estivesse perseguindo, outras vezes falhava, como se tivesse enfraquecido nas agressões anteriores. O banho parecia ser mais terrível do que o mar, julgava que sua alma ainda permanecia entre os piratas. Pois ainda era jovem e rústico e não era conhecedor das armadilhas do Amor.

E como já foi tido anteriormente, Longo descreve as ações das personagens simetricamente para que haja um equilíbrio entre elas. Assim, as sensações de Dáfnis ao ver Cloé se banhando serão parecidas com as que ela teve ao vê-lo fazendo o mesmo. Então, Dáfnis ao vê-la nua, desperta para sua beleza e passa a sofrer também os males do amor. E por ser o seu sofrimento tão grande e ainda sem uma explicação, é que ele acredita que o banho é mais terrível que o mar e que a sua alma ainda estava entre os piratas.

Na verdade, o que Longo quer deixar claro nessa comparação é que o Amor por ser tão poderoso é capaz de roubar, raptar o coração das pessoas, principalmente o de Dáfnis, pois ele era jovem e rústico. O uso dos adjetivos (**jovem**) e (**rústico**), enfatiza a inexperiência e a falta de malícia de Dáfnis para entender o que estava sentindo.

Desta maneira, Longo termina o seu primeiro livro deixando claro que os jovens amantes desconhecem o Amor, apesar de sentirem algo estranho em seus corações, porém, há uma atração muito forte entre eles, já que os dois passaram pela mesma experiência, o banho, e assim puderam ver um ao outro e ao se verem revelaram cada um a sua sensualidade e beleza.

Nos três livros seguintes, Longo dá continuidade a sua narrativa de viagens e aventuras de maneira simples, sutil e sensual, um verdadeiro primor.

Estas viagens não possuem o caráter errante dos amantes dentro de um espaço amplo e variado. Porém, estas constituem uma verdadeira “odisséia” dentro de um espaço temporal marcado pelo ciclo das estações do ano (primavera, verão, outono e inverno), onde a unidade de lugar foi preservada até o fim.

Assim, as estações que criaram e deram ritmo a todas as aventuras, pelas quais os jovens amantes, Dáfnis e Cloé, tiveram que passar, além de influenciarem de maneira profunda todas as transformações vividas por eles para aprender a entender os mistérios do amor. Outro aspecto muito marcante dentro da narrativa foi a presença da Natureza não só como o grande cenário da obra, mas como a própria engrenagem da trama, já que foi a partir de suas fontes naturais, que Longo pode tecer toda a sua trama.

Conclui-se então que, Longo alcança o seu objetivo, pois consegue através de um perfeito equilíbrio entre personagem e natureza esculpir uma magnífica obra de arte em consagração ao Amor.

Bibliografia:

BAILLIEY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachete, 1963.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance*.

Tradução:

Aurora Fornini Bernardini et alii. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BILLAULT, Alain. *La Création Romanesque: dans la littérature grecque à la époque impériale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

_____. *La Nature dans Daphnis et Chloé*. REG, Tome 109 (1996-2), pp. 506-526.

BIZOS, M. *Syntaxe Grecque*. Paris: Librairie Vuibert, 1981.

BRANDÃO, Elisa Costa. *O Romance Patorais- Dáfnis e Cloé: A Influência das Estações do Ano no Significado da Obra*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

FUSILLO, Massimo. *Naissance du Roman*. Tradução: Marielle Abrioux. Paris: Éditions du Seuil.

HÄGG, Tomas. *The Novel in Antiquity*. Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 1983.

HUNTER, R. L. *A Study of Daphnis & Chloe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KONSTAN, David. *Sexual Symmetry. Love en the Ancient Novel and Related Genres*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

LONGUS, *Pastorales (Daphnis et Chloé)*. Texto e tradução: Jean-René Vieilleford. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

LUKÁCS, George. *La Théorie du Roman*. Paris: Gallimard, 1995.

REARDON, B. P. *The Form of Greek Romance*. Princeton: Princeton University Press, 1991

TURNER, Paul. *Daphnis and Chloe – an interpretation. Greece & Rome*. VII n. s. (1960); Oxford: Clarendon Press. Pp. 117-123.